



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM PROMOÇÃO DE PRÁTICAS DA
IGUALDADE RACIAL**

**A CULTURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PARA ALÉM DOS
LIVROS DE LITERATURA.**

Márcia Aparecida Gomes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE
RACIAL**

**A CULTURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PARA ALÉM DOS
LIVROS DE LITERATURA.**

Prática de Intervenção Pedagógica apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Práticas de Promoção da Igualdade Racial.

Orientadora: Patrícia Maria de Souza Santana

Belo Horizonte

Março de 2016

A CULTURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL – PARA ALÉM DOS
LIVROS DE LITERATURA.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Maria de Souza Santana

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado o dom da vida e ser luz na minha caminhada diária, me levando a acreditar que todas as pessoas são iguais e diferentes e que devemos lutar por um mundo que respeite e valorize essa igualdade e essa diversidade. Aos meus pais, que apesar do pouco convívio, me deixaram lições preciosas. Meu pai, que me ensinou ainda pequenina que preciso resolver as dificuldades que surgem em meu caminho de forma autônoma. À minha mãe que me mostrou o valor da dedicação e do saber e que muitas vezes a cor da pele influencia, sim, a forma como você é tratada pela sociedade e até mesmo pela própria família.

Agradeço ao meu marido, que suportou minhas ausências, tanto físicas quanto mentais, e os livros e papéis espalhados pela casa. Agradeço aos meus filhos, Daniel e Pedro, que são parte importante em minha vida e me ensinam, cada dia, a ser uma pessoa mais paciente. Agradeço aos meus irmãos, que me auxiliaram nos momentos de dificuldade.

E, por fim, agradeço aos professores que orientaram o trabalho desenvolvido, pois sem eles a escrita ainda estaria no estágio inicial.

RESUMO

Este trabalho trata de uma das possibilidades de implementação da lei 10.639/2003 na educação infantil, envolvendo a linguagem artística plástica e discorrendo sobre as possibilidades e a importância da valorização da cultura e da arte negra para além dos livros de literatura infantil.

O objetivo do trabalho é relatar uma prática pedagógica que possibilitou o conhecimento e a valorização de um aspecto da cultura africana, a arte moderna, desenvolvido a partir dos trabalhos do pintor Victor Ekpuk. Tendo em vista a preocupação existente em possibilitar um trabalho com as crianças, que vá além da literatura infantil, apresentamos um breve estudo sobre as crianças e a linguagem artística, a biografia do autor e suas obras, a valorização da cultura africana, para a construção da identidade da criança e a importância do projeto de intervenção desenvolvido visando a essa valorização.

Este trabalho apresenta as intervenções realizadas durante um período de atuação junto a turma de crianças de 5 anos, no Anexo José Maria dos Mares Guia, localizado no Bairro Riacho, em Contagem/MG.

Palavras chave: lei 10.639/2003, cultura africana, arte e infância

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - O institucional e o profissional – aspectos que se entrelaçam	7
2. DESCONSTRUÍDO MODELOS	12
3. O PROJETO E A COMUNIDADE ESCOLAR	14
4. A TRAJETÓRIA DE UM PROJETO VOLTADO PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA	16
5. TEORIA E PRÁTICA NA EXECUÇÃO DO PROJETO	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS	25

1. INTRODUÇÃO - O institucional e o profissional – aspectos que se entrelaçam

Minha história como profissional da educação teve início em 1995, na rede privada de ensino em Serra – Espírito Santo. Apesar de minha formação inicial ter sido realizada em Minas Gerais, comecei o trabalho na educação no Espírito Santo.. Além de Serra, atuei também na rede pública no município de Guarapari, tendo retornado a MG em 2002, Trabalhei como pedagoga, atuante na E.E. Confrade Antônio Pedro de Castro até 2012; e atualmente atuo como professora no Sistema Municipal de Ensino de Contagem, no Anexo José Maria dos Mares Guia, onde desenvolvi meu projeto de intervenção e na Umei Califórnia, da rede Municipal de Belo Horizonte. O Anexo José Maria dos Mares Guia está vinculado e localizado no mesmo prédio do CAIC Carlos Drummond de Andrade, situado em um bairro de classe média baixa, de maioria cristã evangélica. As crianças possuem os materiais necessários para o desenvolvimento dos trabalhos e os pais são bastante participativos, sempre atendendo às solicitações das professoras para o melhor desenvolvimento das atividades realizadas na instituição.

Desde que assumi o cargo de professor PEB 1 II¹, após efetivação no concurso público de 2002, trabalhei nessa instituição, com turmas de 4 e 5 anos . Assumi uma turma de 5 anos em uma época em que as crianças da educação infantil, assim como suas professoras, não tinham muitos direitos. O Anexo José Maria dos Mares Guia contava apenas com uma turma do infantil e o espaço era quase totalmente ocupado pelas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nessa época, os professores da escola demonstravam grande relutância em assumir a turma de Educação Infantil. Então, quem tinha menor tempo de casa recebia a responsabilidade de trabalhar com essa faixa etária, sem nenhum direito já garantido aos outros docentes. Ou seja, apesar de ser professora concursada como todas as minhas colegas, eu, como regente da turma de 5 anos não tinha direito ao tempo de planejamento e devia trabalhar na lógica do ensino fundamental, com um trabalho que buscava privilegiar a linguagem escrita, com horários e tempos mais rígidos. As turmas tinham um caráter preparatório para o 1º ano do ciclo, com provinhas e horários similares. Com o avanço dos estudos e dos cursos de formação em serviço na área da infância proporcionados pela SEDUC – Secretaria

¹ Em Contagem, o professor que tem formação em nível superior e que trabalha com a pré-escola e o ensino fundamental I é considerado PEB1 II, o profissional que tem apenas o ensino médio com formação em magistério é denominado PEB I

Municipal de Educação de Contagem na gestão da então prefeita Marília Campos, conseguiu-se reverter esse quadro e hoje a educação infantil conta com uma proposta pedagógica atualizada e pensada para o atendimento às crianças de 4-5 anos, com documentos construídos pelos profissionais, como por exemplo, os Cadernos de Currículo da Educação Infantil.

A Instituição conta com seu projeto político pedagógico, uma construção conjunta e histórica. As dificuldades para sua elaboração foram muitas, desde a falta de documentação para consulta, até a rotatividade dos profissionais que atuam na educação infantil. Mas ao final de cada ano é realizada uma avaliação e são feitas adequações ao projeto. No ano de 2012, a avaliação foi realizada com a participação dos pais e profissionais e contou com o suporte dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil, um documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC e que representa um norte na avaliação das Instituições de Educação Infantil do país.

A proposta pedagógica do Anexo mostra a preocupação com a qualidade do trabalho e com as interações que ocorrem na instituição, sejam elas entre crianças e seus pares ou entre crianças e adultos, propiciando momentos de organização flexíveis e de convivência com as crianças e profissionais que atuam no primeiro ciclo. Nestes momentos de organização flexível ocorrem as oficinas onde se desenvolvem, mais efetivamente, os trabalhos envolvendo a implementação da lei 10.639 e a valorização da cultura afro-brasileira.

Para a construção do Projeto Político Pedagógico da Educação Infantil e a efetivação da proposta pedagógica tivemos que demarcar espaços que garantissem os direitos, tanto das crianças quanto das professoras. Começamos a estudar e participar das formações que ocorriam na Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEDUC, juntamente com outras colegas, pois o número de turmas da educação infantil começou a crescer: hoje contamos com oito turmas ao todo, sendo três no turno da manhã e cinco no turno da tarde. No turno da manhã, onde foi realizada a pesquisa, a distribuição das crianças em 2015 ficou assim definida: uma turma de crianças de quatro anos e duas turmas com crianças de cinco anos. A coordenação pedagógica do turno da manhã é feita por uma supervisora efetiva.

Com as atividades de formação e as discussões com o coletivo, começou-se a inquietar com a implementação da lei 10.639/03, sendo que as primeiras discussões

ocorreram após a participação de uma profissional na formação do projeto *Cor da Cultura*, financiado pelo MEC e desenvolvido pelo Canal Futura. Foi iniciada a elaboração de projetos sobre o tema e oficinas com turmas flexíveis, utilizando sempre os livros de literatura disponíveis na biblioteca da escola. Pessoalmente, o questionamento que me fazia era sempre o mesmo: Por que estar voltado somente para o trabalho com a literatura? Que outros trabalhos podem ser desenvolvidos e que também busquem a valorização da cultura afro-brasileira e dos negros? Como quebrar esse paradigma de que na África só há pobreza e a cultura é inexistente? O trabalho apoiado somente na literatura conseguiria alcançar nossos objetivos? Como abordar figuras e elementos positivos e atuais da cultura africana em sua diversidade?

A proposta pedagógica do Anexo José Maria dos Mares Guia, construída inicialmente em 2010 e atualizada anualmente, deixa evidente o trabalho a ser realizado para a efetivação da Lei 10.639/2003, criada com o objetivo de levar para a sala de aula mais sobre a cultura afro-brasileira e africana, como instrumento contra a discriminação e o preconceito racial. Ao implementar as oficinas, nas quais buscamos trabalhar elementos da cultura e história afro-brasileira, a instituição pretende mostrar às crianças aspectos positivos dessas culturas, quebrando paradigmas.

As oficinas ocorrem semanalmente, com duração de três semanas e, em um primeiro momento, trabalhavam-se livros que remetiam à cultura afro-brasileira e africana. No primeiro encontro a professora explora com as crianças os livros que compõem o kit afro, que são livros dedicados à cultura afro brasileira e que ficam em uma estante separada e identificados como literatura afro e literatura indígena, e as crianças escolhem o livro que querem trabalhar naquela oficina. No segundo encontro realiza-se a contação da história utilizando-se os mais variados recursos e se procede à discussão sobre a obra escolhida, além de definir a forma como será apresentado à escola, através de uma linguagem artística. No terceiro encontro executa-se o que foi proposto nos encontros anteriores.



Figura nº 1: Fotos mostrando momentos de atividade artística em torno do conto africano sobre a criação do mundo.

Em 2008, quando assumi as aulas de linguagem artística das turmas de 4 e 5 anos, levei comigo os questionamentos referentes à utilização, quase que exclusiva, da literatura infantil para o estudo da cultura africana e afro-brasileira. Em 2013, novamente assumi um grupo de crianças de 05 anos, e foi essa a faixa etária com a qual trabalhei e desenvolvi o projeto de intervenção em 2015.

Tendo em mente os questionamentos acima citados e reconhecendo a necessidade de diversificar a abordagem do tema para além da literatura, busquei trabalhar com a atualidade para reforçar aspectos positivos do continente africano atual, sem desmerecer a história. A intenção era investigar, com as crianças de minha turma, os artistas negros. No entanto a estratégia para essa investigação não foi bem sucedida: enviei a atividade de pesquisa sobre artistas negros como uma tarefa de casa. O retorno foi frustrante: recebi como resposta informações sobre nomes como Pelé e Barack Obama, além do comentário de uma mãe de que “não iria pesquisar com seu filho porque capoeira era coisa do diabo” (em nenhum momento foi citado qual artista ou arte pesquisar). Dessa forma resolvemos buscar na internet e em conversas com amigos de profissão, algum personagem que fosse interessante para o nosso trabalho e para as crianças. Nessa pesquisa foi que chegamos ao pintor Victor Ekpuk, um artista nigeriano contemporâneo que utiliza, nas suas obras, símbolos gráficos de seu país, principalmente a escrita *nsibidi*², um dos sistemas de escrita mais antigos registrado na África.

Tendo em vista os aspectos acima abordados sobre a trajetória e o histórico da pesquisadora enquanto docente, a proposta pedagógica da instituição, a reflexão sobre as práticas desenvolvidas no que se refere à implementação da lei 10639/2003, e as discussões levadas a cabo durante a formação, foi realizado um trabalho de pesquisa envolvendo as obras do artista Victor Ekpuk. O trabalho foi desenvolvido com grupos de crianças de 5 anos no Anexo José Maria dos Mares Guia.

A seguir é apresentado um relato sobre esse projeto de intervenção.

² Ver referências sobre esse sistema nos anexos.

2, DESCONSTRUINDO MODELOS

A desconstrução de modelos de cultura calcados em valores eurocentrados passa pela valorização do trabalho de artistas negros e, no caso deste trabalho em especial, os artistas plásticos negros, ultrapassam o conceito de que cultura se constrói e acontece somente em países da Europa e América do Norte e que na África não há cultura.

Visando à valorização do artista negro começamos a buscar com as crianças e suas famílias, em atividades de pesquisa, que manifestações artísticas e quais eram os artistas negros que essas crianças e essas famílias conheciam.

A primeira investida se mostrou insatisfatória. Observou-se que havia uma clara confusão entre artista e pessoa famosa, assim como a resistência, por parte de algumas famílias, com relação a uma das manifestações da cultura africana – a capoeira. Conforme relato de uma criança, a mãe afirmou que não iria responder a entrevista ou ajudar na pesquisa, porque “capoeira era coisa do diabo” (sic).

Com o resultado dessa primeira etapa, voltou-se a propor, na roda de conversa que acontece diariamente na educação infantil, a discussão sobre os artistas negros e as manifestações artísticas da cultura negra . Conversamos sobre o conceito de artista plástico e o que eram manifestações artísticas variadas. Incluiu-se conceitos sobre a história da capoeira, tendo em vista a afirmação que a criança expôs na roda de conversa. Vimos que a capoeira é um patrimônio imaterial da humanidade, declarado pela UNESCO em 26 de Novembro de 2014, sendo sua história reconhecida mundialmente.

Juntamente com as crianças fomos procurar por artistas plásticos negros, apesar de eu já ter demonstrado minha preferência por estudar o artista plástico nigeriano Victor Ekpuk devido ao curto tempo de que se dispunha para o desenvolvimento do projeto. Devido a isso e à falta de material sobre outros artistas, que atendessem a nossa necessidade e ao interesse das crianças, optamos pela obra desse artista, após termos explorado reproduções de suas obras e vídeos, postados na internet, sobre o artista desenvolvendo sua arte. Definimos por estudar algumas de suas obras.

Victor Ekpuk, nasceu na Nigéria em 1964 e licenciou-se em Belas Artes pela Universidade de Ifé, na Nigéria. É um artista que utiliza símbolos gráficos e sistemas de escrita de diferentes culturas, como os ideogramas *nsibidi*.

O *nsibidi* é, conforme Nascimento (2008, p. 35), “um antigo sistema gráfico usado por diversos povos das regiões oriental e central da Nigéria para transmitir os ensinamentos da filosofia.”

Esse sistema complexo de pictogramas e ideogramas, conhecido como ‘nsibidi’ (ou ‘nsibiri’), é utilizado tradicionalmente na região do *Cross River* no sudeste da Nigéria, particularmente entre os povos Ekoi, Igbos e Ibibio. Reservados, sobretudo, à sociedade masculina ‘Ekpe’ (ou ‘Egbo’), a maior parte dos usos do ‘*nsibidi*’ é guardado secretamente pelos seus membros. Entretanto, o sistema é conhecido por ter usos muito variados, indo da guerra à magia. Ele inclui a combinação de signos para narrar, por exemplo, as querelas de amor. Os símbolos ‘*nsibidi*’ podem ser gravados em cabaças, pintados sobre os muros, impressos nos tecidos, tatuados ou pintados no corpo humano. (David Dalby, 2012). Disponível em: <http://terceiradiaspora.blogspot.com.br/2012/04/nsibidi.html>.

O artista, por utilizar símbolos da cultura africana em suas obras, nos auxiliou a explorar tanto a questão da arte, que é uma linguagem primordial na educação infantil, quanto a cultura africana através desses símbolos. Apesar da importância da linguagem oral na cultura africana, a linguagem escrita também tem seu espaço, com a utilização de um sistema de escrita, (no caso, o sistema *nsibidi*, utilizado pelo artista Victor Ekpuk, sendo uma das mais antigas formas de escrita gravadas na África.

3. O PROJETO E A COMUNIDADE ESCOLAR

O projeto foi desenvolvido em uma turma de cinco anos no Anexo José Maria dos Mares Guia, que ocupa o mesmo prédio do CAIC Carlos Drummond de Andrade, localizado o Bairro Riacho em Contagem. O CAIC Carlos Drummond de Andrade é uma escola que atende as crianças, desde a educação infantil (4 e 5 anos) até o nono ano do ensino fundamental, através do sistema de ciclos (1º, 2º e 3º ciclos, sendo cada ciclo composto por três anos), integrando o Sistema Municipal de Educação de Contagem. Seu público-alvo é composto basicamente por famílias da classe média baixa, com renda média em torno de dois salários mínimos, conforme pesquisa realizada durante a construção do PPP, no ano de 2015.

A escola conta com alguns projetos pontuais sobre a cultura e história afro-brasileira, sendo uma temática que vem sendo discutida durante esse processo de construção do PPP, desde o ano de 2014. A educação infantil, por pertencer ao Anexo José Maria dos Mares Guia, já havia construído seu documento, mas a nova assessoria, contratada pela escola, acreditava que o documento deveria ser único de toda a escola e não permitiu (e nesse momento não houve resistência explícita da maioria do grupo) que o documento da educação infantil seguisse norteando o trabalho dessa etapa da educação básica. Porém, por isto não estar ainda sistematizado no Projeto Político Pedagógico da escola, as atividades pertinentes ao tema ainda são desenvolvidos de forma assistemática, pelos profissionais envolvidos com o assunto, seja por realizarem estudos a respeito, ou influenciados por experiências pessoais, por discussões com colegas ou por participarem, por adesão ou por opção, nos GTs de Diversidade Étnica Racial oferecidos pela Secretaria de Educação de Contagem; - com – ou, ainda, no curso do EPPIR – Especialização em Práticas para a Igualdade Racial. Isto apesar de já ter sido registrada a necessidade do trabalho acerca da temática, na proposta pedagógica da educação infantil,

A equipe pedagógica não participou do projeto desenvolvido, porém houve envolvimento e colaboração de alguns colegas que ajudaram nas discussões ou mesmo que modificaram sua postura ao longo do trabalho, buscando valorizar personagens negros e mostrar às crianças a existência de outros modelos fora do padrão cultural ocidental, branco e de olhos claros.

A partir disso, tivemos sacolas literárias com príncipes e princesas negras, apesar da dificuldade em encontrar esses personagens e a necessidade de improvisação para suprir essa carência de material. Foram promovidos desfiles com penteados e roupas de origem africana e atividades de valorização de expressões musicais, como a construção de berimbaus, afoxés, agogôs, ganzás e tambores.

A movimentação em torno do projeto desenvolvido e sua influência nas discussões com os colegas, professores e crianças, me fez perceber o quanto nossas crianças desconhecem e discriminam as manifestações da cultura brasileira de origem africana; o quanto nossas crianças não têm acesso a sua herança cultural, devido ao preconceito e discriminação, levando a questionar até mesmo o atendimento, em nível quantitativo, de crianças negras. Por que a maioria das crianças de minha sala eram brancas se, segundo o censo do IBGE a maioria das população brasileira é parda e preta?

4. TRAJETÓRIA DE UM PROJETO VOLTADO PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA

O projeto sobre as obras do artista plástico Victor Ekpuk, intitulado “*Valorizando a cultura e a identidade negra através da arte*”, teve início com a pesquisa e entrevista realizada com as crianças e seus familiares e se desdobrou na proposta de investigação sobre o artista e da apresentação de suas obras para as crianças, em aparelhos de mídia.

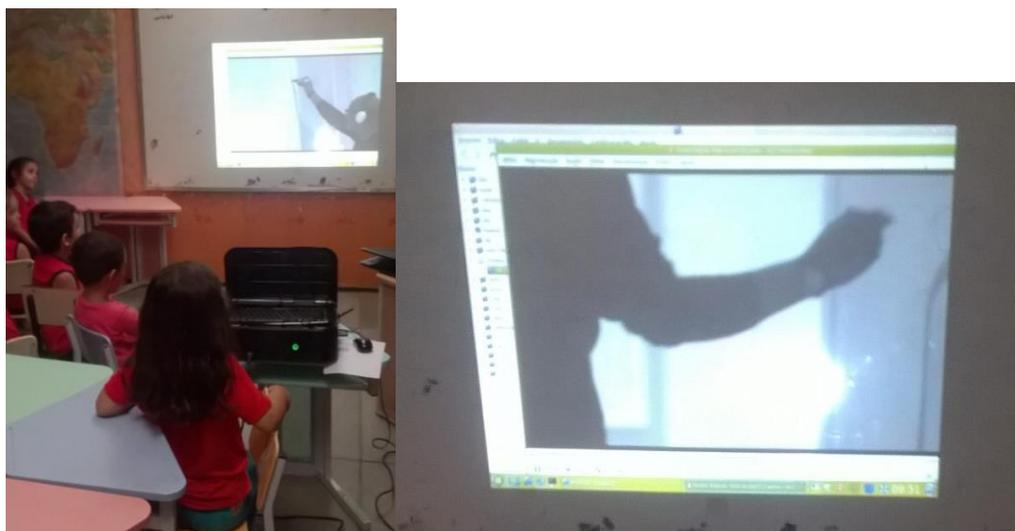


Figura nº 2 - Apresentação de produção de uma obra do artista. Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wEU3t3mlfno>,



Figura nº 3: O artista em atividade. Disponível em: http://www.victorekpuk.com/victorekpuk.com/about_victor_ekpuk.html

Após apresentar as obras e o vídeo do artista executando uma obra enquanto escutava uma música clássica no fone de ouvido no Centro de Artes do Arkansas, em outubro de 2014, cada criança escolheu a obra que mais lhe chamou a atenção e fez sua reprodução. Tendo as produções das crianças em mãos, foram escolhidas as obras para

serem analisadas, sendo que elas eram produzidas utilizando símbolos africanos, do sistema *nsibidi* descrito anteriormente. A cada semana era feita a análise de uma obra. Paralelamente, foi sendo estudada a biografia do pintor e aspectos geográficos de seu país de origem, a Nigéria. Buscou-se pesquisar a localização do continente africano no mapa-mundi e nele, a Nigéria. Buscaram-se imagens do país e mostrado, para as crianças, um pouco de sua geografia – rios, vegetação e os animais que ali vivem. Discutiu-se também sobre a necessidade que o pintor teve de se mudar do país para que suas obras fossem reconhecidas mundialmente, pois o preconceito com os países africanos o impedia de ter visibilidade mundial.

Para mostrar um pouco do preconceito, assistimos, ainda, o filme *Vista minha pele*, onde uma criança branca vive numa sociedade negra e sofre os preconceitos vivenciados pela população negra de nosso país. As falas das crianças nos mostraram que o discurso dos adultos são reproduzidos aqui, quando dizem que “se fosse todo mundo branco seria mais bonito”, ou que as “obras deveriam ter mais cores pois o preto não é muito legal”.

5. TEORIA E PRÁTICA NA EXECUÇÃO DO PROJETO

A educação infantil é a etapa da educação básica voltada para o atendimento às crianças de 0 a 5 anos e 9 meses, sendo dividida da seguinte forma: de 0 a 3 anos o atendimento é denominado creche e de 4 a 5 anos e 9 meses – pré-escola. No Brasil, o atendimento à educação infantil ainda não foi universalizado, sendo obrigatório somente a partir de 2016, para as crianças da pré-escola, conforme Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. Essa Emenda torna obrigatória a oferta gratuita de educação básica a partir dos 4 anos de idade. A não universalização do atendimento à educação infantil atinge principalmente as crianças negras, conforme dados da Unicef:

Um dos principais entraves para a universalização do acesso e da permanência na escola no Brasil é a discriminação racial. [...] todos os indicadores de acesso à escola e conclusão nos estudos mostram que as crianças e os adolescentes negros estão em desvantagem em relação aos mesmos grupos etários da população branca. Entre as crianças excluídas da escola, a maioria é negra. Destas, na faixa etária de 4 a 6 anos, 19,9% estão fora da escola (UNICEF, 2012, p. 14)

Pode-se compreender, com base nos dados acima, que o atendimento à criança negra na educação infantil é ainda mais precarizado. Além da concepção de criança apenas como um vir a ser, que ainda se não se constituiu como sujeito de direitos, ou seja, que nesta faixa etária ela não tem o direito básico a voz e, portanto, seu atendimento não é prioritário, ainda pesa o fato de sua cor de pele.

A ausência de reconhecimento da criança enquanto sujeito histórico e construtor de cultura vem sendo debatido por estudiosos da infância, como a professora Fúlvia Rosemberg, ao considerar que nas pesquisas e discussões acadêmicas

... o silenciamento sobre os bebês constitui discriminação.. Silenciar sobre as especificidades da creche também significa discriminação, pois, além de acolher bebês, no Brasil a creche não foi pensada para a “produção” de qualquer ser humano, mas a dos(as) filhos(as) recém-libertos(as) de mães escravas. (ROSEMBERG, 2012, p. 17)

Isso nos leva a refletir que além de não garantir voz às crianças, a voz da criança negra ainda é mais silenciada. Estudos recentes nos mostram que, nos casos de escuta da criança, as pesquisas e ações ainda se encontram restritas a uma infância branca. Estudos, pesquisas e ações envolvendo a negritude continuam sendo eventos pontuais, realizados em número inferior e reduzidos geralmente aos meses de maio e novembro,

em torno da comemoração da abolição da escravatura e no Mês da Consciência negra. (Souza, 2010).

Conforme Souza (2010), referindo-se às pesquisas e estudos sobre a infância da criança negra,

O trabalho realizado é incipiente para duas décadas, a partir de um conjunto de 42 artigos, dos quais 30 compõem o caderno n. 63 (1987), que é uma edição especial, na qual seus artigos são fruto dos debates promovidos durante o seminário *O Negro e a Educação*, realizado em dezembro de 1986.” (SOUZA, *apud* Abramowicz, Oliveira e Rodrigues, 2010, p. 82.).

A condição negada às crianças, de sujeito de direitos de, em especial, à criança negra, se reflete na escola, enquanto instituição inserida em uma sociedade racista e excludente que, segundo Abramowicz, vem sendo demonstrada em pesquisas apontando a escola como portadora de um

[...] modelo de currículo que poderíamos denominar de “embranquecido”, diante da ausência de conteúdos que possam contribuir para que os alunos negros se vejam contemplados e também o silêncio da equipe pedagógica a respeito das questões raciais (SANTOS, *apud* Abramowicz, Oliveira e Rodrigues, 2010, p.83).

Desse modo, o trabalho realizado no Anexo José Maria dos Mares Guia, com crianças de 5 anos, busca suprir essa omissão da instituição escolar, através da linguagem artística, que é primordial na educação infantil. Por outro lado, busca quebrar tabus sobre o continente africano e seus descendentes, levando as crianças a construir uma auto-imagem positiva e combater estereótipos que são construídos no imaginário social a respeito do continente africano, como território selvagem e desprovido de cultura. A construção de uma auto-imagem positiva nesta etapa da educação básica se torna primordial tendo em vista que os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e, principalmente, de construção da identidade. Dessa forma, a construção identitária positiva é um desafio a ser superado nas práticas pedagógicas, assim como a discussão sobre as relações étnico-raciais na escola, buscando desfazer o mito da democracia racial³. Temos em vista que a escola é:

[...] espaço de construção e reprodução das práticas sociais, ou seja, o racismo é uma prática social e a escola faz a manutenção do mesmo, portanto, se a escola constrói, reproduz práticas que podem prejudicar o desenvolvimento dos educandos em processo de formação, ela também pode ser um espaço de construção de uma imagem positiva do(a) estudante negro(a). (OLIVEIRA, SOUZA E MOURA, 2005, p. 2)

³ É o mito de que todos são iguais, com oportunidades iguais, independentemente da cor da pele.

A auto-imagem positiva busca fortalecer a identidade e a volta às raízes, além de desconstruir a ideia de que o branco representa o bem, ideologia essa que induz ao embranquecimento cultural, segundo o qual, tudo que é de origem negra é negativo e inferior, sendo necessário assimilar a cultura aceita, a cultura branca, vinda dos países europeus (Munanga, 1986). O trabalho realizado com as crianças, a partir das artes plásticas Nigerianas, busca também reforçar junto às crianças as riquezas da cultura africana. Dessa forma, vimos como o artista negro estudado (Ekpuk) utiliza símbolos africanos na construção de suas obras, além de ser um artista com pouca visibilidade no Brasil e em outros países, tanto que teve a necessidade de migrar para os Estados Unidos para ter sua obra reconhecida.

O estudo da simbologia utilizada pelo artista na construção de suas obras contribuiu para a valorização da história e cultura africanas trazendo elementos importantes para a desconstrução de estereótipos negativos sobre a população negra na diáspora, e de sua cultura. De acordo com Gomes (2012), as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola

Visam a negros e brancos, pois oferecem aos negros conhecimentos e segurança para se orgulharem da sua origem africana. E aos brancos permitem identificar as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, de viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente com as negras (GOMES, 2012, p. 31).

Historicamente o continente africano foi invadido por povos que buscaram explorar suas riquezas, utilizando o argumento de que era habitado por semi-homens ou selvagens e que necessitavam ser salvos e adquirirem cultura (MUNANGA, 1986). Por isso é importante o reconhecimento do continente africano pelas crianças como um espaço de riqueza, cultura e história. Um continente onde se dá o surgimento da humanidade e é produtor de conhecimentos utilizados pela humanidade até os dias de hoje. É nessa dimensão cultural e histórica que trabalhamos coletivamente, levando em conta que

as pessoas aprendem a ver negros e brancos como diferentes na forma como são educados e socializados, a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas na forma de ser e ver o outro, na subjetividade e nas relações sociais mais amplas.” (GOMES, 2012, p.25)

O trabalho proposto com a intenção de estudar as obras do artista plástico nigeriano Victor Ekpuk prioriza a linguagem artística, o que é recomendado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. A linguagem artística é forma de expressão utilizada pela humanidade desde seus primórdios, quando os homens desenhavam nas paredes das cavernas, como forma de registrar suas vivências e as experiências de seu cotidiano. É, assim, um instrumento que possibilita a relação e comunicação com o outro, pois é nessa relação e comunicação com o outro que o homem se constrói na sua integralidade enquanto ser humano.

Articular educação e arte desde a infância significa compreender o ato de educar como ato inseparável do ato estético e ético de comunhão com o outro para afirmá-lo como promoção do devir plural do humano (RICHTER, 2008, p. 20).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de 2009, determinam que os currículos da educação infantil devem tratar dos saberes e experiências que fazem parte do conhecimento artístico construído pela humanidade “garantindo seu acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens.” (MEC, 2010, p. 20).

De acordo com essas Diretrizes e também com o documento *Currículo para a Educação Infantil*, do Sistema Municipal de Educação de Contagem, entre as linguagens a serem trabalhadas na educação infantil está a linguagem artística - plástica e visual. A linguagem artística é fundamental para a criança, pois através dela são expressados sentimentos, desejos e inquietações, além de ser essencialmente lúdica: “envolve o expressivo, o sensível, o estético e introduz a criança na esfera do artístico” (CORAGEM, 2002, p 90).

Segundo o *Caderno de Currículo da Educação Infantil* de Contagem – “*Experiências, Saberes e Conhecimentos – a Criança, a arte e a linguagem plástica e visual*”, este campo de experiência diz respeito à arte tratada em sua dupla dimensão – campos inseparáveis – como conhecimento e como linguagem. (SMEC, 2012).

Ainda de acordo com esse *Caderno de Currículo da Educação Infantil*, a linguagem diz respeito à apreciação e ao fazer artístico em suas mais variadas formas. E o conhecimento diz respeito a um saber historicamente construído, com elementos que lhe são próprios.

Dessa forma, o trabalho a ser realizado neste projeto busca a valorização da cultura africana, assim como o estudo da história do povo, ao trabalhar os símbolos utilizados pelo artista plástico.

Apesar da importância da linguagem artística na formação integral da criança enquanto formação humana, o projeto não deve se restringir a ela. Segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o estudo da cultura e história da África deve permear todos os elementos do currículo, “em especial os componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil” (DCEER, § 2º, 2004), “ampliando o foco dos currículos escolares para a diversidade racial, cultural, racial, social e econômica do Brasil (Conselho Nacional de Educação/CP 3/2004).

Nesse sentido, buscou-se realizar um projeto de intervenção que levasse as crianças a pesquisarem e descobrirem outra história da população negra. Não aquela história de pobreza, doenças e guerras, contadas pela história criada pelo homem branco, mas uma história que não transformou as diferenças em desigualdades, mas as respeitou e valorizou..

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da lei 10.639/03 tem ocorrido de forma pontual na maioria das escolas, devendo ser sistematizada em grande parte dos Projetos Político-Pedagógicos das instituições. No entanto, o que se observa nos trabalhos desenvolvidos na educação infantil é um foco voltado basicamente para a literatura afro-brasileira e africana.

Tendo em vista acreditarmos que o trabalho deve ir além dos livros de literatura e buscar desenvolver nas crianças uma imagem positiva do negro e de sua cultura, buscamos efetivar um trabalho incentivando a pesquisa e a produção de trabalhos sobre um pintor negro, de origem africana e contemporânea.

Durante o desenvolvimento dos trabalhos, constatamos que a maioria das crianças não conseguia encontrar um nome para nossa pesquisa, tornando necessária a intervenção da professora, o que nos levou a refletir com as crianças sobre a condição de pintor/artista em um mundo basicamente voltado para a cultura europeia e norte americana, ou seja, uma cultura branca, eurocentrada.

Estudamos um pouco sobre os símbolos utilizados nas pinturas, mostrando às crianças que existem outras formas de escrita e que muitas, como o caso da simbologia *nsibidi* já existiam desde antes do nosso sistema alfabético.

Buscamos, com este trabalho, desconstruir o conceito negativo relativamente ao continente africano, assim como enfatizar a existência de artistas negros, de origem africana que produzem arte de qualidade, reforçando o conceito positivo sobre o povo africano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. GOMES, Nilma Lino. **Educação e raça, Perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010

Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes.. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância --UNICEF, 2012, p. 14.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro Brasileira e Africana. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, / SEB, 2010.

CONTAGEM, Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Currículo da Educação Infantil de Contagem**. : Experiências, Saberes e Conhecimentos. A criança, a arte e a linguagem plástica e visual. Contagem, SMEC, 2012

CORAGEM, Amarílis Coelho. Múltiplas Linguagens. Pensando a arte na educação infantil. IN. CARVALHO, Alysson, SALLES, Fátima, GUIMARÃES, Marília (org). **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Proex, 2002.

GOMES, Nilma Lino (org.). **Práticas Pedagógicas de Trabalho com relações étnico raciais na escola na perspectiva da Lei 10639/03**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura. , 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude, Usos e sentidos**. São Paulo: Ed. Ática, 1986

NASCIMENTO, Elisa Larkin Nascimento **A Matriz Africana No Mundo: .** Coleção Sankofa - Volume 1, 2008, Selo Negro Edições, SP

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Conceito de ideograma nsibidi** .A Matriz Africana No Mundo.: Coleção Sankofa - Volume 1

OLIVEIRA, Adja Mota de, SOUZA, Fabiana Leandro de E MOURA, Dayse. **Identidade racial na educação infantil**: o que pensam as professoras acerca da educação das relações raciais e da construção de uma autoimagem positiva da criança negra?, p. 2 – 2005 – UFPE

RICHTER, Sandra. Educação e arte na infância. IN. RICHTER, Sandra. **Criança e Pintura**. : Ação e Paixão do conhecer. Porto Alegre/RS: Editora Mediação, 2008.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, São Paulo, 2012

ANEXOS

ALFABETO NSIBIDI



<http://terceiradiaspora.blogspot.com.br/2012/04/nsibidi.html>

***NSIBIDI* - UMA ESCRITA DATADA ENTRE 5000 a 4000 A.C**

A tradição oral desempenha um papel fundamental na cultura africana, levando à conclusão errônea de que os africanos ao sul do Sahara não têm escrita. Embora a escrita Africana não seja bem conhecida devido ao domínio das línguas coloniais, arqueólogos, historiadores epigráficos⁴ apontam para o fato de que a alfabetização começou na África subsaariana, antes de Cristo e algumas permanecem em uso ainda hoje, para funções cerimoniais e usos decorativos.

A maioria dos sistemas modernos de escrita, ao redor do mundo, se originou a partir dos hieróglifos, tornando a escrita moderna uma invenção de origem Africana. Embora os hieróglifos egípcios sejam os mais célebres dos sistemas de escrita do Continente, não é o único sistema de escrita que emergiu da África. Com o uso de símbolos e escritas de várias formas, os africanos inventaram muitos sistemas de escrita e as primeiras formas de escrita no Continente foram um sistema silábico, que incluiu centenas de sinais fonéticos. Estes foram encurtados com o tempo para não menos de 22 principais sinais, que foram utilizados como alfabetos pelos egípcios, Meroites e etíopes.

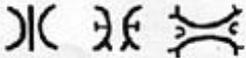
De longe, a mais antiga forma de escrita gravada na África, ao lado dos Hieróglifos é a escrita *Nsibidi*. O conjunto de símbolos *Nsibidi* é independente do latim ou da influência árabe: é uma criação totalmente indígena africana. Também conhecida como escrita Nsibiri, Nchibiddi ou Nchibiddy, o *Nsibidi* é um antigo sistema de escrita ideográfica indígena dos Uguakima, Ebe ou Uyanga, grupos étnicos da África ocidental e remonta de um período entre 5000 a 4000 A.C.

A escrita também é encontrada entre os povos Ekoi, efik, Igbo e povos relacionados, do sudeste da Nigéria e Camarões.

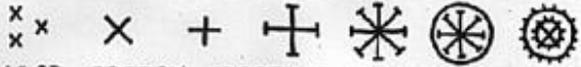
A seguir são apresentadas ilustrações contendo o alfabeto *Nsibidi*, com seus significados, extraído de pesquisa na Web:

⁴ Historiadores epigráficos são estudiosos especializados em inscrições antigas

NSIBIDI WRITING OF THE
ESAGHAM PEOPLE
EXAMPLES OF A FEW TYPICAL NSIBIDI SYMBOLS
AND THEIR MANY SUBTLE VARIATIONS

LOVE, UNITY HATRED, DIVORCE



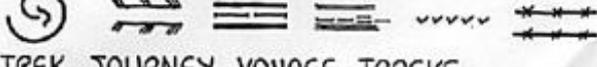
WORD, SPEECH, MEETING, CONGRESS



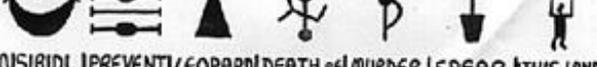
MIRROR, REFLECTION



TABLE SET FOR DRINK AND MEAT



TREK, JOURNEY, VOYAGE, TRACKS



NSIBIDI | PREVENT | LEOPARD | DEATH of | MURDER | SPEAR | THIS LAND
 MIRROR | DANGER | SKIN | a FRIEND | WEAPON | POINT | IS ALL MINE

Fonte: disponível em: www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/CULTURASORAIS.pdf

ATIVIDADES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS À PARTIR DOS SÍMBOLOS DA ESCRITA NSIBIDI E DAS OBRAS DO ARTISTA PLÁSTICO VICTOR EKPUK.

